

REMINISCÊNCIAS DE EX-ALUNAS DA ÚLTIMA TURMA DO CURSO NORMAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES (1970)

Tatiana Medeiros Santos
Universidade Federal da Paraíba - Mestre
taty_ms11@hotmail.com

Passos iniciais da pesquisa

Este artigo é resultado de parte da dissertação concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sendo realizada junto ao grupo HISTEDBR-GT/PB. Tem como objetivo geral analisar as histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do curso normal do Colégio Nossa Senhora das Neves, em 1970, na cidade de João Pessoa. Este estudo pretende contribuir com o campo de investigação da história da educação brasileira e paraibana, buscando reconstruir e reinterpretar a ordem educacional e lugar dos seus sujeitos históricos no contexto pesquisado.

Nessa ordem de compreensão, evidenciaram-se as maneiras como as ex-alunas e professoras produziam o seu mundo social, aliando-se ou afrontando-se através das dependências e tensões que as uniam e que as opunham, tomando como ponto de partida uma situação particular: a última turma do curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Neves (1970).

Nessa perspectiva de análise, em face ao determinado acontecimento histórico na instituição, entende-se que nada melhor do que localizar as algumas ex-alunas do referido curso, para contarem o que movia suas expectativas, sonhos, sentimentos, realizações profissionais, seus dilemas políticos e ideológicos. Ou seja, a arte do dizer constituindo-se da própria prática do pensar e do fazer individual e coletivo, que comumente só vinham à tona através da versão produzida por meios oficiais. (THOMPSON, 1998).

Com isso, buscou-se reconstituir esse passado recente a partir dos depoimentos de quatro ex-alunas, que autorizaram a publicação de seus respectivos nomes para a publicação desta pesquisa. Essa foi uma decisão pessoal das próprias informantes, uma vez que, justificaram não fazer sentido contar suas histórias e memórias do cotidiano escolar do colégio em que estudaram e ao mesmo tempo não serem identificadas. As

ex-alunas são: Maria Cristina Soares da Fonseca (56 anos); Rejane Pereira dos Santos (58 anos); Mary Elizabeth Rodrigues de Almeida, (57 anos); Selma Lúcia Gonçalves Cavalcanti Portela (58 anos).

Através dos seus depoimentos foi possível realizar a aproximação com o contexto pesquisado, identificando histórias, memórias e lembranças, em face às permanências, ausências e transformações daquele período relacionado à formação do magistério como condição quase “inevitável” da profissionalização da mulher, além de tratar de questões de interesse das mais diversas práticas individuais e coletivas de um tempo escolar, colocando em evidência os processos de construção da realidade cotidiana.

No ambiente de entrevistas/depoimentos com auxílio do gravador, algumas questões essenciais foram planejadas, e após a produção do roteiro, nas entrevistas as depoentes tiveram a liberdade para relatar outras questões. As entrevistas seguiram uma agenda de contatos previamente estabelecidos, em sua maioria gravadas, foram realizadas nas residências das informantes. Na transcrição foi preservada a linguagem oral das informantes como facilitadora do entendimento social, garantindo assim a legitimidade do documento oral transcrito para sua base material escrita.

Sobre a importância da entrevista, ressaltam Meihy e Holanda (2007) que se deve priorizar acompanhar as narrativas das informantes, bem como lançar o olhar atento e descritivo das diversas condições que as envolviam no seu ambiente cotidiano na atualidade, sem perder de vista a particularidade de suas memórias, dando conta, individualmente, das trajetórias de vida acerca do recente período histórico pesquisado, sempre atualizado por meio dos constantes encontros e diálogos.

Ressalta-se que em se tratando de um estudo que envolve a história do tempo presente, suas narrativas fortaleceram a possibilidade de investigação com vista a entender as encruzilhadas e as perspectivas da profissão do magistério.

Para tanto, seguiu-se, também, a orientação de Le Goff (2004, p.163), para quem o “[...] passado é uma construção e uma interpretação constante a partir do presente”, sob a ótica dos sujeitos que dela participaram.

Nesse sentido, Bosi (2003, p.15) afirma que a “[...] história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem por trás dos episódios. [...]”

Portanto, a reflexão aqui proposta inscreve-se, de uma maneira bastante particular, numa mudança profunda no modo de abordagem das experiências históricas, haja vista que a partir desse deslocamento permitiu-se a ampliação da investigação dos sujeitos e dos objetos históricos considerados adicionais. Proporcionando assim, uma compreensão mais profunda de outras versões históricas não oficiais, restituindo, em geral, o sentido e as significações das histórias singulares construídas em torno de pessoas comuns; restituiu, também, a tomada de consciência das diferenças que particularizam os grupos, as pequenas comunidades, os territórios e as ações dos excluídos da história.

Colégio Nossa Senhora das Neves: breve recorte histórico

A tentativa de configurar alguns momentos históricos do Colégio Nossa Senhora das Neves a partir da sua fundação até o encerramento da instituição é uma maneira de revisitar, particularmente, uma parcela da história da tradição educacional da Paraíba em seus primórdios, qual seja: confessional e patriarcal.

Em sua própria constituição física, a referida instituição escolar traduz-se, desde sua origem, num ambiente privilegiado de memórias da educação feminina e religiosa do final do século XIX e início do século XX.

O contexto histórico do Colégio Nossa Senhora das Neves possui algumas tentativas de abertura, crises, encerramento e reabertura das atividades de uma escola feminina que tentava consolidar-se no cenário educacional da Paraíba. Os escritos oficiais publicados por Ribeiro (1976), destacam três momentos históricos na fase de constituição do colégio até sua efetivação.

Na Paraíba, temos o Coronel Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, também conhecido como o Visconde de Beaurepaire Rohan, que foi nomeado presidente da Província da Parahyba do Norte, em 3 de setembro de 1857 e que se destacou por sua dedicação à expansão de várias modalidades de ensino na Paraíba, inclusive da escola para meninas: Colégio Nossa Senhora das Neves. Em face aos esforços Coronel Beaurepaire Rohan, o colégio foi fundado através da Lei Nº13, de 04 de novembro de 1858, tendo sua primeira instalação na residência do rico senhor de engenho Duarte Gomes da Silveira, a fim de promover a educação moral, religiosa e literária do sexo feminino. Esse empreendimento não teve prosperidade na

administração seguinte do Governo da Província. O presidente, Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, em 1861, justificou que o serviço que a referida instituição prestava não correspondia às suas despesas e suspendeu o funcionamento desta unidade escolar feminina. Sendo assim, a referida instituição educacional, por falta de condições e apoio financeiro, encerrou pela primeira vez as suas atividades, após três anos de existência.

De acordo com Melo (1994 apud PINHEIRO, 2002, p.62), a falta de apoio financeiro de muitas escolas nesse período aconteceu “[...] em virtude da baixa arrecadação de impostos, ainda mais restrita nos longos períodos de estiagem. Nos momentos mais graves de seca, boa parte desses recursos eram destinados a atender os flagelados, sendo a instrução pública um dos primeiros setores a sofrer cortes.”

Ainda de acordo com Melo, essa justificativa se estendeu por diversos governos a exemplo da mensagem reproduzida na obra de Seixas (1985, citada por Melo), que o Presidente da Província da Parayba do Norte, Luiz Antônio da Silva Nunes, encaminhou a Assembléia Legislativa em 1860, com a justificativa de crise financeira em 1858 e, por isso, não hesitou em:

[...] fechar as poucas escolas existentes, quando das quedas de arrecadação. Até na Capital, unidades de ensino cerram suas portas, como aconteceu com o Colégio Nossa Senhora das Neves para mulheres, fundado por Henrique de Beaurepaire Rohan em 1858, e de atividades suspensas por Luiz Antonio da Silva Nunes, dois anos depois. Melo (1994, p.113 apud PINHEIRO, 2002, p.64)

Como se pode entrever, a educação feminina escolarizada, inicialmente, não foi bem aceita pela sociedade. Ressalte-se que no Brasil, mais especificamente na Parahyba do Norte, ainda vivia-se sob a égide total das tradições patriarcalistas mais arraigadas, desfavorável à presença da mulher na vida pública, que, por conseguinte, recomendava a manutenção dos padrões consagrados ao feminino na ordem familiar, ou seja, na dependência ao marido e as atividades de ocupação doméstica. (MACHADO, 2006).

Na segunda fase de acordo com Ribeiro (1976) abertura da referida instituição de ensino, ocorrida em 14 de março de 1895, agora por iniciativa de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, foi determinada a direção administrativa para as religiosas da Congregação Damas do Coração Eucarístico. Nesse contexto, a instituição passou a receber alunas não só da Paraíba, mas também do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Como se pode perceber foi constatado mais uma tentativa de se estabelecer uma escola exclusivamente feminina.

Todavia, sob a direção das Damas do Coração Eucarístico, a escola enfrentou uma nova crise administrativa, particularmente, com a falta de pessoal e meios suficientes para dar continuidade aos fins educacionais, pondo em risco sua funcionalidade. Nesse aspecto, segundo Kulesza (2006, p.97):

Para garantir a educação cristã no interior da família desde a mais tenra idade, no ano seguinte a sua posse, Dom Adauto criou na Paraíba o Colégio de Nossa Senhora das Neves, destinado ao sexo feminino [...] Dada à posição da Igreja em relação à co-educação dos sexos, esse colégio feminino nunca poderia ser levado à frente pelos padres da diocese. Assim, ele foi entregue inicialmente as Damas do Coração Eucarístico, passando sua direção em 1906, para as Religiosas da Sagrada Família.

Conforme o citado autor, em 1905 o Colégio Nossa Senhora das Neves entrava em crise, havia o clima de incerteza sobre a continuidade ou não das atividades dessa instituição feminina.

De acordo com Ribeiro (1976) Dom Adauto ao conscientizar-se de que as Religiosas do Coração Eucarístico a qualquer momento afastar-se-iam do comando da escola. Fato acontecido, por falta de pessoal e também havia a necessidade de assegurar a manutenção da instituição, Dom Adauto negociou a vinda das irmãs da Casa da Sagrada Família de Camaragibe/PE. Concluídas as negociações, desencadeou-se a vinda de várias religiosas de diversos lugares, para se dedicarem à educação voluntária desta escola preocupada em atender a educação de meninas de 6 a 10 anos de idade.

Com a chegada das Religiosas da Sagrada Família, o Colégio Nossa Senhora das Neves começa a consolidar-se na Paraíba e sendo reiniciado em 10 de fevereiro de 1906.

Após diversos desdobramentos e enfretamentos de inspeções e crises institucionais, na década de 1970, com a justificativa da falta de matrículas para dar continuidade ao curso, foram encerradas no colégio apenas as atividades do ensino Normal. Acontecimento que não desestruturou as demais atividades escolares da instituição.

Todavia, o colégio continuou a passar por uma série de mudanças para se adequar a demanda da sociedade, a exemplo da instituição estabelecer o uso da calça cumprida e o ensino misto. Mas, as mudanças não foram suficientes para a manutenção dessa escola no ensino da Paraíba e o colégio fechou definitivamente suas portas no final de 2002.

As marcas desse processo, com significativas implicações nos anos seguintes, ainda estão presentes no imaginário e na memória das personagens que a vivenciaram o cotidiano dessa escola, a exemplo de alunas, professoras, diretoras, funcionárias e pais de alunos.

Histórias e memórias de ex-alunas da última turma do curso Normal em 1970

Na análise a seguir, optou-se por recorrer as reminiscências de quatro ex-alunas concluintes da última turma do curso Normal do Colégio Nossa Senhora das Neves, em 1970. Em suas narrativas, trouxeram a tona o declínio do curso Normal, como uma consequência de uma formação que já não era mais considerada a única profissão feminina, como o lugar legítimo para a mulher na sociedade da época, como destino traçado para sua inserção no mundo do trabalho. Os depoimentos evidenciaram a importância do tradicional colégio confessional da cidade de João Pessoa que ofertava educação feminina exemplar, como também o encerramento do curso e as dificuldades que mais tarde culminariam no declínio de todas as atividades do colégio.

O papel da família...

Nos depoimentos das quatro ex-alunas, ficou salientada a preocupação da família em relação à melhor educação de suas filhas.

De acordo com Szymanzki (2007, p.48), coube à família, inicialmente, a partir da organização em torno da figura paterna, com um determinado padrão de educação no espaço privado e, posteriormente, nas sociedades capitalistas, paulatinamente creditar às instituições, a exemplo da escola e da igreja, a formação dos filhos.

Neste artigo revela-se a presença decisiva da família, em especial, na tomada de decisões pela formação educacional das filhas, seja para o futuro profissional, seja pela necessidade de formação de futura esposa:

Com certeza, eu estudo lá desde o primeiro ano infantil. Bom na época morava em Santa Rita, e fizemos o jardim da infância lá, na escola, estudava porque era muito pequena. Mas já depois meus pais acharam assim melhor trazer aqui pra João Pessoa, estudar num colégio de nome, um colégio bom, um colégio de freiras. [...] Até porque naquela época era um colégio fechado, além de ser [...] muito bem freqüentado, né? Na época, o Colégio das Neves era um colégio de referência pela educação, além da instrução, a

educação, assim, englobava também a formação religiosa [...] (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

[...] o que me levou ao Colégio Nossa Senhora das Neves foi primeiro a facilidade do colégio (localização), era bem perto da gente e era praticamente o único colégio. O mais importante de tradição e era religioso também [...] então como era um colégio religioso e a minha família é religiosa, isso foi interessante para minha família também. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Eu também era de uma família de escolha católica. Fui pro colégio por conta disso [...] também por ter estudado em colégio religioso, mas havia essa preferência. Minhas irmãs já haviam estudado lá, tias, estudado lá também e isso pesava exatamente na minha casa [...], da mesma igreja que era a Paróquia da catedral, que era paróquia tanto na minha área territorial, onde eu morava e como também era a do Colégio das Neves, né? [...] certamente influenciou bastante. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Nesse sentido, a busca por uma escola de tradição, particularmente feminina e religiosa, segundo as entrevistadas, foi uma determinação familiar naqueles anos de iniciação escolar:

Nas memórias das ex-alunas desvelam-se preocupações familiares para que desde a mais tenra idade recebessem “uma boa educação”. Assim, ter uma filha matriculada em uma escola com credenciais de tradição, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Neves, naquela época era motivo de conquista e de orgulho:

A minha mãe [...] Minha mãe, como eu já disse, né? Pra ela, era estudar num Colégio: ‘o Nossa Senhora das Neves.’ Era um colégio assim respeitado daqui de João Pessoa e aí era um sonho dela ter estudado lá, como não pôde, e ela ficou órfã muito cedo e só fez até o 5º, exame de admissão [...] era uma pessoa extremamente cuidadosa com nós, se manteve num padrão de vida de educação rígido e muito bom para a época dela. Muito bom mesmo, porque ela pensava muito nas coisas, ela sempre quis o melhor. Éramos quatro filhas e um menino [...] é tanto que ela assim [...] no meio que a gente se envolvia, ela era assim, tudo nosso era impecável. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Bem eu acho que foi mais uma escolha de meus pais, né! A que os meus irmãos estudavam [...] é [...] sempre estudou, os meninos eram no Pio XII, e eu fui para o Colégio da Neves, acho que foi uma escolha dos meus pais [...] Sim, lá no Colégio das Neves sempre só foi com turmas femininas. E assim, a escolha religiosa [...] influenciou a minha família na hora de escolher esse colégio, porque era uma escola católica, um colégio católico [...] os meus pais procuravam assim que fosse uma escola que realmente tivesse uma continuidade do que se aprendia em casa, um encaminhamento cristão [...] (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

As escolhas da família por uma escola de tradição religiosa familiar, voltada para a formação do magistério, envolviam a profissionalização identificada com os destinos da mulher. Nesse sentido, segundo Almeida (2007, p.117):

Além das escolas de instrução básica para as meninas, deveria haver também uma saída para a profissionalização feminina, representada por um trabalho que não atentasse contra as representações acerca de sua domesticidade e maternidade. O magistério inseria-se perfeitamente bem nessa categoria [...]

O pedagógico preparava as alunas para o exercício do magistério. Historicamente, tinha-se o discurso de que não havia nada mais natural para a mulher do que a profissão de professora, essa condição profissional era a sua principal marca identitária. Essa realidade era evidenciada nas expectativas que se colocavam para as nossas entrevistadas:

Eu já tinha em mente, eu já tinha (desde a) infância, naquele momento seria uma opção pelo magistério, pela vida, como educadora. [...] ser professor é muito bom, excelente. Eu amo o meu trabalho, amo de paixão mesmo, faço com prazer, mas, infelizmente no Brasil, num país desse, a educação é lá embaixo e não valoriza o professor [...] Toda vida quis ser professora, achava lindo, me dava muito bem com minhas professoras. Tenho belas recordações de todas, me lembro de todas, assim, com muito carinho mesmo [...] muito, muito bom mesmo, eu amo meu trabalho continuo amando, continuo fazendo com muito prazer e satisfação. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Por esse argumento de “naturalização” profissional, Mary Elisabeth afirma ter “descoberto” desde cedo, ainda na infância, sua vocação para o magistério:

Bem eu acho que eu tinha né? (Risos) estou exercendo até hoje [...] Quando eu comecei (a estudar) eu [...] gostava muito de brincadeira. Minhas brincadeiras era sempre negócio (de professora) brincava muito de boneca, mais eu brincava muito de escola. Quer dizer eu já tinha, acho que já em mente né? Não assim [...] uma coisa assim já em mente né? Não assim uma coisa [...] já bem definida, mas, quando surgiu essa oportunidade, né? Lá do colégio das Neves, de ter o pedagógico [...]. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Numa perspectiva diferente, Selma Lúcia relata que inicialmente não estava em seus planos exercer as atividades do magistério, seguiu a profissão apenas por uma questão de segurança que o futuro lhe oferecia:

[...] Eu comecei com o pedagógico. Eu não estava assim com aquela vontade de [...] eu já estava noiva e tinha terminado. E se você terminasse o científico e não preferisse ir para a faculdade de qualquer maneira você já tinha uma profissão, que era professora do magistério. Aí eu fiquei porque eu queria terminar. Mas depois, aí você começa, cria um menino, o menino começa a andar. Você começa a sentir necessidade de fazer alguma coisa. As coisas apertadas. A gente tem que participar das despesas das coisas [...] aí houve uma oportunidade [...] de conseguir um desse emprego certo. Aí eu

fui [...] Só depois de muitos anos. Doze anos depois, eu comecei a trabalhar como professora [...] (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Ratificando esse contexto analisado, Almeida (2004, p.75) afirma que o pedagógico era, em muitos casos, a educação máxima almejada:

No campo profissional, as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, em nível médio e com um objetivo definido sem mais delongas, deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras. Neste contexto a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte de um processo civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da função familiar e do fortalecimento da família [...]

Nesse processo, rememorar a escola como uma consolidação profissional “desejada”, revela, também, narrar às vivências de construção de meninas e adolescentes pobres ou da elite em torno das boas lembranças escolares, dos espaços e, sobretudo das educadoras com quem conviveram.

Por essa preponderância decisória da família na escolha da referida instituição escolar, é recorrente a menção aos pais, particularmente, na decisão de matricular a filha em uma escola de forte tradição religiosa na sociedade.

O cotidiano escolar e a disciplina...

Em relação ao cotidiano escolar, depoimentos das ex-alunas da última turma do magistério trouxeram à baila algumas estratégias disciplinares do interior do Colégio Nossa Senhora das Neves em 1970.

Assim, revisitar as memórias das quatro ex-alunas da última turma do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves, em 1970, permitiu mergulhar em detalhes cotidianos da vida escolar e entre outras coisas, desvelar um modelo educacional marcado pelo rigor da ordem e da disciplina.

As ex-alunas que fizeram parte da pesquisa, de modo geral, em seus depoimentos expressaram que a educação recebida foi o principal alicerce sobre o qual construíram suas vidas como profissionais, mães e esposas, sem deixar de evidenciar que o rigor disciplinar do colégio funcionava como instrumento eficiente de dominação e controle, destinado a domesticar os comportamentos divergentes da norma.

Na visão educativa do Colégio Nossa Senhora das Neves, as jovens seriam educadas dentro da instituição para que essa educação também fosse utilizada fora dos muros da escola (educação para a vida), para se tornarem obedientes (dóceis), algo considerado como natural para ser desenvolvido em uma escola feminina.

Acerca dessa questão em debate neste estudo, Foucault (1987) descreveu que, na modernidade, o corpo se tornou alvo do poder disciplinador, sobre o qual se impõem obrigações e proibições, no intuito de submetê-lo, utilizá-lo e transformá-lo num corpo dócil.

O rigor da disciplina no cotidiano escolar é perceptível no depoimento de Mary Elisabeth:

[...] ela (a disciplina) refletia em tudo [...] eu era muito bitolada, eu assimilei tudo que foi ensinado e nunca fui de rebeldia, de mudar nada, eu sou muito acomodada, eu fui acomodada demais [...] essa parte de remar contra a maré nunca foi comigo não. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Já o depoimento de Rejane Pereira ilustra o ritual disciplinador seguido por todas as alunas, a partir da entrada no Colégio Nossa Senhora das Neves até a chegada à sala aula:

[...] Nós, ao entrarmos neste pátio (interno), nos organizávamos em fila, depois tinha a oração, cantávamos, rezávamos e íamos para as salas de aula. Lá, no primeiro andar, havia um sistema de som de onde a Irmã Margarida passava os comandos do que fazer no momento da entrada até chegarmos à sala de aula [...]. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Nessa condição disciplinar, passaram a se organizar nas escolas a criação de lugares determinados, filas organizadas de forma a aproveitar espaços cada vez mais complexos. A sala de aula foi se transformando em um espaço onde os alunos estariam sob o olhar classificador do professor. A disposição tradicional das carteiras na sala de aula seria um dispositivo que contribuía para a vigilância hierárquica mencionada por Foucault. Nesse ambiente, vários fatores influenciam esse caráter de vigilância constante, como um suposto jogo de olhar, que induz efeitos de poder. Os meios de coerção se tornam claramente visíveis sobre aqueles a quem se aplicam.

Rejane Pereira esteve presente junto à pesquisadora no Colégio Nossa Senhora das Neves e foi percebido na fala da depoente que a vigilância a elas imposta era vista como uma constante, presente em toda a extensão do espaço escolar. Na escola, todas

vigiavam e eram vigiadas ao mesmo tempo. Apontando a terceira janela da direita para a esquerda, no segundo andar da instituição, a ex-aluna comenta:

[...] essa era a janela da Irmã Margarida, quando estávamos aqui, conversando, no intervalo, os nossos olhares sempre estavam voltados para aquela janela, pois já se esperava que a qualquer momento ela pudesse aparecer e ver se estávamos fazendo algo de errado. (REJANE PEREIRA, 01/03/2008).

O poder de vigilância sobre os corpos estava tão introjetado que elas próprias vigiavam-se a si mesmas, ou seja, internalizavam o olhar do poder de maneira que não distinguiam mais o olhar do indivíduo. Esse dispositivo mostrou-se eficaz no que diz respeito ao controle dos corpos, na medida em que infligia o sofrimento da culpa naquelas que imaginavam desviar-se do caminho da virtude.

Almeida (2004, p.67) reforça esta discussão quando menciona que “[...] As mentes eram passíveis de serem adestradas por uma pedagogia do temor e da culpa que fazia as mulheres reféns de sua própria aura de sedução e a capacidade de despertar para o desejo masculino [...]”. Essa demonstração de influência da sacralidade católica nos regramentos de conduta e moralidade voltava-se para a consciência de que tudo era pecado e que só o casamento e a maternidade seriam a salvação para a honesta moça de família.

As vozes das ex-alunas, de modo geral, revelam que o processo educativo por elas vivenciado foi fundamental para a condução de suas vidas e assinala a satisfação de fazer parte da história educacional do Colégio Nossa Senhora das Neves. Se, por um lado, constatam o caráter disciplinador do espaço assinalado, bem como de suas práticas, por outro, fazem questão de destacar a importância que até hoje atribuem a tal modelo educacional. Só uma delas enfatiza a necessidade que sentiu de libertar-se de tais práticas, evitando reproduzi-las em sua casa.

Em relação à disciplina no mencionada pelas ex-alunas imposta no cotidiano escolar, constata-se a defesa de um modelo escolar marcado pela rigidez da disciplina, fortemente vinculado à família e aos valores cristãos, a partir de uma ideologia educacional que tinha o propósito de submeter os corpos nas relações de poder dentro do espaço social.

O Colégio Nossa Senhora das Neves foi reconhecido por décadas pela sociedade paraibana como um colégio seguro, por desenvolver um trabalho educativo

de rigor disciplinar de forma exemplar e de formação cristã para as boas moças da sociedade não só paraibana, mas de suas adjacências com estados vizinhos.

O encerramento do curso Normal...

O Colégio Nossa Senhora das Neves, em 1970, já apresentava alguns sinais de um possível definhamento institucional, a exemplo da vinda da madre francesa, que se hospedou no colégio para fiscalizar sua administração. Nesse mesmo ano, após a fiscalização, a madre francesa decide deixar o colégio de portas abertas, mas optou por encerrar todas as atividades do curso que preparava as jovens para o magistério. Essa foi uma das várias tentativas da instituição em manter-se de portas abertas. Entre elas, temos a inserção do uso da calça comprida como farda para meninas e a abertura para o ensino misto. Mas, com a seqüência de crises enfrentadas pela escola nos anos seguintes, apesar das diversas tentativas de reverter esta situação, o colégio, em 2003, encerrou, definitivamente, todas as suas atividades educacionais.

Mediante dessa realidade, ao perguntar as ex-alunas sobre o processo de definhamento do curso nessa referida instituição, as mesmas externaram ainda ter muita afeição pela instituição e, ao lembrarem o encerramento definitivo das atividades educacionais do curso normal, se emocionaram ao revisitarem através de suas memórias esse acontecimento.

A ex-aluna Cristina Soares, fez questão de afirmar em seu depoimento que sua relação com todos que compunham essa instituição “[...] sempre foi uma relação de muito carinho, amor e respeito”. Afinal de contas, ela tinha uma história construída durante anos, da infância à adolescência. Ao relatar sobre o definhamento do curso Normal, relata que o Colégio Nossa Senhora das Neves se deparava com as dificuldades econômicas, na época já existiam sinalizações negativas entre ofertas e demandas da sociedade. Lembra que em 1970, foi uma das alunas escolhidas para recitar um poema de despedida e em agradecimento à madre francesa que veio ao Brasil para fiscalizar as atividades financeiras da instituição. Após a sua inspeção, a referida madre emitiu um parecer favorável à manutenção da escola. Apesar dos esforços despedidos, o curso Normal teve todas as suas atividades encerradas, nesse mesmo ano, haja vista que a classe média não almejava mais formar as filhas, exclusivamente, para o magistério,

passando assim a investir em novas perspectivas profissionais para a mulher, tais como as áreas de saúde e tecnologia.

A ex-aluna Mary Elisabeth também reforça a idéia de que o colégio em 1970 estava tentando se atualizar aos novos tempos, buscando ampliar seus horizontes e de atuação educacional. Nesse período, muitas jovens já estavam buscando o científico com a finalidade de prestar vestibular e realizar outra formação, devido às desvalorizações do magistério:

No depoimento de Mary Elisabeth, ela faz questão de lamentar o encerramento do curso na instituição:

A gente ficou assim [...] né? Nós achávamos que era um curso bom, né? A gente realmente saía preparada para o campo de trabalho [...]. Deveria continuar a ter o pedagógico. Foi um assim [...] eu tive pena, né? De um tão bom! Nós fomos a última. Outras pessoas não tiveram a oportunidade que nós tivemos ali, daquela convivência [...] Era uma turma pequena [...] a gente realmente se dava muito bem, todo mundo se dava muito bem, era como realmente fosse uma família. (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

No discurso acima, é perceptível a quantidade de pausas em seu depoimento. Isso foi interpretado como um momento de emoção, ao rememorar um passado recente, e, também, como se quisesse dizer muito mais. Em sua fala externa um sentimento que envolvia, ao mesmo tempo, uma frustração por ter pertencido a última turma do magistério e por testemunhar o encerramento da instituição.

Voltando ao depoimento de Selma Lúcia, a mesma ainda reforça que se tivesse como voltar no tempo faria: “Tudo de novo. Não me arrependo, não teria dúvida nenhuma. Se tivesse que começar de novo, começaria tudo de novo.” (Risos).

Considerações Finais

Nos depoimentos das ex-alunas da última turma do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves, buscou-se de desvelar um tempo “perdido” ou silenciado em suas memórias. Os relatos vão anunciando, cada qual a seu modo, as práticas de convivência cotidiana com a tradicional instituição escolar que, já nos primórdios da década de 1970, evidenciava o seu declínio, em especial, na formação do magistério, pois já não era mais considerada a única profissão feminina, o lugar legítimo para a mulher na sociedade da época, como destino traçado para sua inserção no mundo do trabalho. Portanto, os depoimentos das ex-alunas evidenciaram a importância de um colégio

tradicional que ofertava uma educação feminina exemplar, como também enfatizaram o encerramento das atividades do curso do magistério, dificuldades que mais tarde culminaria no encerramento de todas as atividades da instituição.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval... [et.al.] *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea).

_____ *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: autores Associados, 2007

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da EDUSP, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 32.ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

KULESZA, Wojciech Andrzej. "Igreja e educação na Primeira República". In: MACHADO, Charliton José dos Santos & SCOCUGLIA, Afonso Celso (Orgs.) *Pesquisa e historiografia da educação brasileira*. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Benardo Leitão: 5º ed. Campinas. SP: Editora UNICAMP. (Coleção Repertórios), 2004.

MACHADO, Charliton José dos Santos. *Mulher e educação: história, práticas e representações*. João Pessoa/PB: Editora Universitária UFPB, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *Colégio de Nossa Senhora das Neves*. João Pessoa-PB: Gráfica Pessoense, 1976.

SZYMANZKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Líber Livro, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2.ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1998.

Fontes orais

Cristina Soares Cavalcante. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 02/03/06.

Selma Lúcia Cavalcanti Portela. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 10/11/2007.

Mary Elisabeth de Almeida Bezerra da Silva. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 15/05/2007.

Rejane Pereira dos Santos. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves, da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 01/03/06.

Rejane Pereira dos Santos e Ir. Margarida Maria Marcelo. Entrevista realizada na Faculdade de Ciências Médicas: antigo Colégio Nossa Senhora das Neves. 03/03/08.

X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL
TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA

▸ Recife, 26 a 30 de abril de 2010.

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

ISBN 978-85-7315-769-7